

O simbolismo de Ernst Cassirer no *Ensaio sobre o homem*

Francisco Gustavo de Souza Flor¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar de forma sintetizada as questões que envolveram a última obra publicada em vida pelo filósofo Ernst Cassirer, no ano de 1944. Trata-se do *Ensaio sobre o homem* que foi escrito em um contexto no qual Cassirer se sentiu obrigado a condensar sua filosofia em um único escrito, filosofia que originalmente pode ser estudada de forma completa nos seus três volumes de nome *Filosofia das formas simbólicas*. Durante a produção deste artigo tentei abordar as conclusões de Cassirer para determinada problemática. Conhecido por suas contribuições à história da filosofia e por suas várias citações, Cassirer causa ao leitor certa dificuldade. Meu objetivo é retirar respostas de Cassirer diante da sua erudição. Por fim, chegamos à conclusão de como a filosofia cassireriana determina o fator em comum que caracteriza o homem como qualitativamente distinto dos demais animais; e de como esse fator age diretamente nas produções humanas.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura; Cassirer; *Filosofia das formas simbólicas*; *Ensaio sobre o homem*.

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6002890986478036>. E-mail: gustavo.flor@aluno.ufca.edu.br.

The symbolism of Ernst Cassirer in the *Essay on man*

ABSTRACT

The main goal of this paper is to present in a compact way the questions involved in Ernst Cassirer's last work published in life, namely, *An essay on man* (1944). Cassirer wrote his essay in a context where he felt compelled to condense in a single work the whole of his philosophy, the latter being originally exposed in full in his three-volume work entitled *Philosophy of symbolic forms*. In the present paper, I tried to approach Cassirer's conclusions on the subject. Known for his contributions to the History of Philosophy and his numerous references, Cassirer comes off to his readers as a difficult author. My goal was to take answers out of Cassirer's notorious erudition in order to understand how his philosophy determines the common factor that qualitatively distinguishes man from other animals; and how it directly impacts human endeavors.

KEYWORDS

Culture; Cassirer; *Philosophy of symbolic forms*; *An essay on man*.

Recebido: 04/02/2023

Aceito: 05/02/2023

Publicado: 07/09/2023

DOI: <https://doi.org/10.59780/lceq7780>

Introdução

O objetivo geral deste artigo é retomar a discussão que o filósofo Ernst Cassirer desenvolveu em um dos seus últimos textos, intitulado *Ensaio sobre o homem*. Em seu prefácio, Cassirer relata quais foram suas motivações para a escrita deste livro. Amigos que conheciam sua obra principal, *Filosofia das formas simbólicas*, insistiam para que ele traduzisse os três volumes para o idioma inglês. Além de ser motivado pelos amigos, Cassirer diz que ao redigir esse livro de 1944 (sendo uma obra condensada dos três volumes da *Filosofia das formas simbólicas*) novas questões foram postas e questões mais antigas foram reanalisadas com olhares da sua filosofia madura. Com o *Ensaio sobre o homem*, toda sua filosofia estava condensada e resumida em um livro que abordava diversos temas que já haviam sido alvos de debate por outros filósofos durante toda uma tradição filosófica.

Portanto, inaugura-se a possibilidade de se tomar o *Ensaio sobre o homem* como texto introdutório para toda sua filosofia, digo como um iniciado em Ernst Cassirer que teve oportunidade de conhecer outras de suas obras. Retornando ao objetivo deste artigo que é, por sua vez, revisitar as discussões do *Ensaio*, julgamos ser necessário colocar em primeira perspectiva o que Cassirer aparentemente pretende no seu escrito: a palavra “homem” é encontrada na capa do seu livro compondo o que seria parte do título. É possível deduzir que iremos para uma viagem filosófica sobre a cultura humana ao nos depararmos com a frase que compõe o subtítulo, portanto, ao longo deste processo descobriremos o que o autor compreende como conceito de cultura. É possível observar que, no decorrer do livro, Ernst Cassirer estabelece como seu objetivo principal: determinar algo que seja comum entre todos os temas da cultura humana, nascendo então uma filosofia sistemática. Para que o propósito deste trabalho seja cumprido, teremos que trazer as principais questões levantadas por Cassirer em sua obra. Todo o escrito é dividido em duas partes, parte I nomeada de “O que é o homem?” e parte II, cujo título é “O homem e a cultura”.

Apresentamos resumidamente neste artigo o que seria a primeira parte do *Ensaio sobre o homem*, para que este texto não se afastasse do que foi escrito pelo autor, mas o enfoque deste artigo será a segunda parte do mesmo livro, pois nesta segunda parte conjecturamos estar a discussão essencial para uma melhor compreensão do denominador comum que Cassirer expõe em sua filosofia das formas simbólicas.

Na segunda parte do texto, encontraremos um pouco mais do que Cassirer determina como ponto comum entre o mito/religião, linguagem, arte, história e ciência. Todos esses temas, que se diferenciam quanto ao assunto de que costumam tratar, juntos, como foi dito no prefácio

acima mencionado, são complexos e de várias nuances, mas tais que em todas as formas simbólicas existe um fator que lhes é comum. Mas, antes de adentrarmos nesses temas, abordaremos o que para mim é a parte mais essencial da obra, qual seja: o capítulo VI, “A definição do homem nos termos da cultura”. Neste capítulo encontraremos a resposta apresentada por Cassirer, de maneira sintetizada, para tal denominador comum, a saber, o símbolo, conceito a partir do qual é feita sua crítica da cultura. A chave que o filósofo terá para uma investigação até chegar em uma filosofia do homem, essa investigação é chamada por Cassirer de crítica da cultura ou filosofia da cultura humana.

Retornando à primeira parte do livro *Ensaio sobre o homem*, Cassirer se esforça para demonstrar toda a trajetória do homem para o conhecimento de si. Aparentemente os esforços feitos pelos filósofos foram de modo a resolver a grande crise existencial do homem, assim, como afirma o próprio autor: “O conhecimento de si, é a mais alta meta da indagação filosófica” (CASSIRER, 1977, p. 9); todo esse questionamento será desenvolvido em seu primeiro capítulo, no qual Cassirer discorre resumidamente sobre a história da filosofia e sobre todos aqueles que se dedicaram a estudar a subjetividade do homem.

Por fim, todos esses temas serão aprofundados em duas seções que suspeitamos serem suficientes para nos propiciar uma mínima compreensão do símbolo e da cultura humana, essas seções irão se dividir em comentários e exposições sobre os capítulos: a crise do conhecimento de si do homem, uma chave para a natureza do homem: o símbolo, das reações animais às respostas humanas. O mundo do espaço e do tempo, fatos e ideias. Na segunda parte abordaremos somente um tópico de nome “a definição do homem nos termos da cultura humana” e, por fim, apresentaremos uma conclusão acerca de tais reflexões.

O que é o homem?

A crise do conhecimento de si do homem

O homem é a mais alta indagação da filosofia, em outras palavras, mas com o mesmo sentido é o que Cassirer diz nas primeiras linhas do capítulo I, “A crise do conhecimento de si do homem”. Neste capítulo Cassirer faz um percurso pela história das maiores teorias filosóficas que se preocuparam em colocar o homem como objeto de estudo:

Os primeiros passos na direção da vida intelectual e cultural do homem podem ser descritos como atos que implicam uma espécie de ajuste mental ao ambiente imediato.

À medida que a cultura humana progride, porém, logo encontramos uma tendência oposta da vida humana. (CASSIRER, 1977, p. 12).

Cassirer aponta como o sujeito lida com seu ambiente ao redor, nos fornecendo um indício de como o seu desenvolvimento é dado sobre esse ambiente, ou seja, o homem configura por esse processo mental o que ele interpreta acerca do mundo para si. Deste modo, tal processo parece derivar dessa imediatividade (e também parece ser algo natural ao homem) como uma tentativa de justificar, primeiro, sua existência e seus sentimentos; e segundo, a existência de coisas que podem ou não ser observadas. Nesse processo, Cassirer classifica a criação humana do mito como uma das primeiras tentativas de se responder esses anseios existenciais. Para fazer essa classificação que ele denomina de “antropologia primitiva” e “cosmologia primitiva” foi necessário que houvesse, por parte de Cassirer, uma análise histórica das principais teorias do conhecimento. Esse seria um dos fatores para a criação de um novo pensamento que, em primeiro lugar, deixaria de ser tal como a angústia grega do “conhece-te a ti mesmo”, passando a configurar-se uma obrigação moral regida pelo mito.

Essa relação da passagem de uma visão cosmológica com uma visão antropológica acaba, por fim, derivando uma obrigação moral do conhecimento sobre o homem e é descrita por Cassirer: “O mesmo princípio é válido para a evolução geral do pensamento filosófico” (CASSIRER, 1977, p. 13). Ou seja, a filosofia dividia-se e passava a se dedicar às questões da natureza e do homem.

Como foi dito anteriormente, ao estudar o primeiro capítulo Cassirer faz um excuro às principais teorias epistemológicas sobre o homem, de Sócrates aos cientistas do século XIX, mas, como o objetivo é captar o que acho necessário para nossa discussão, gostaria de ressaltar uma tradição em particular e salientar um aspecto bem sutil abordado por Cassirer. A filosofia estoica, segundo Cassirer, é conhecida pelo seu conteúdo antropocêntrico onde o homem é abordado como tema central, portanto, essa é uma nova abertura teórica que coloca o homem como ponto central dos estudos filosóficos. Partindo dos estoicos, “o homem prova o seu poder inerente de crítica, de juízo e discernimento, ao conceber que nesta correlação o Eu, e não o Universo, tem o papel principal” (CASSIRER, 1977, p. 19). Com os estoicos chegamos a um ponto onde a antropologia, na visão de Cassirer, se faz mais necessária que a cosmologia.

Cassirer é enfático ao dizer que o homem é um composto de variedades e versatilidades que são próprias da sua natureza, e que um sistema lógico e metafísico não consegue compreender o homem por estar detido somente em objetos que seguem uma regra possível de ser deduzida. Deste modo, para que o homem seja compreendido a partir de suas contradições

fundamentais é necessário um novo sistema mais abrangente, no qual, segundo Cassirer: “A contradição é o próprio elemento da existência humana” (CASSIRER, 1977, p. 25).

Há uma questão metodológica que para mim parece bastante clara: Cassirer nitidamente se contrapõe a qualquer filosofia cujo objetivo seja responder *o que é o homem?* (em um sentido socrático) fora de um sistema conceitual. Ele ataca essa descentralização da investigação afirmando que: “A verdadeira crise deste problema manifestou-se quando deixou de existir um tal poder central, capaz de dirigir todos os esforços individuais” (CASSIRER, 1977, p. 41). Cassirer continua sua argumentação, demonstrando que: “Não teremos qualquer compreensão real do caráter geral da cultura humana; continuaremos perdidos em uma massa de dados desconexos e desintegrados que parecem carecer de uma unidade conceitual” (CASSIRER, 1977, p. 43). Para essa investigação será necessária uma filosofia que aborde todas as contradições e produções do homem, e será no próximo tópico desta seção que abordaremos as investigações de Cassirer a esse respeito.

Uma chave para a natureza do homem: o símbolo

O que é possível de se observar no livro é um esforço de Cassirer em explicitar as principais teorias que tratam do conhecimento do homem sobre si mesmo. Aproveitamos para retirar do mesmo capítulo alguns indícios do que viria a ser a contribuição de Cassirer para a questão já exposta, a saber, a crise do conhecimento de si sobre o homem.

Um dos principais indícios diz respeito ao processo de criação do homem em relação ao mundo, ou seja, como ele, o homem, a partir da mediação simbólica, objetifica todas suas criações, mesmo aquelas que não são possíveis de serem observadas segundo relações lógicas, por conta de suas inúmeras contradições internas. Cassirer cita o biólogo/filósofo chamado Johann von Uexküll, que afirma que o conhecimento adquirido pela biologia é de caráter metodológico, diferente das demais ciências naturais. Segundo Cassirer, ele diz que: “A biologia é uma ciência natural que tem de ser desenvolvida pelos métodos empíricos usuais – os métodos da observação e da experimentação” (CASSIRER, 1977, p. 45). Existe por trás uma estrutura de como é possível para o indivíduo adquirir conhecimento, o que ele chama de “*Merknetz*”, de tradução do alemão “rede de avisos”, e “*Wirknetz*”, de tradução “rede efetiva”. O primeiro conceito é caracterizado por ser o sistema receptor que recebe todos os dados de um determinado objeto e o segundo é chamado de sistema efetivador que fica responsável por receber esses dados e transformá-los em conhecimento objetivo. Existe então uma perfeita

harmonia entre esses dois sistemas biológicos: “São elos da mesma cadeia única que Uexküll descreve como o *círculo funcional* (*Funktionskreis*) do animal” (CASSIRER, 1977, p. 47).

É admitido por Cassirer que, através dos sistemas “*Merknetz*” e “*Wirknetz*” de Uexküll, seja possível fazer uma caracterização da natureza humana, mas que não é o suficiente para apreender toda sua produção de objetividade e subjetividade. A este respeito Cassirer diz: “O homem descobriu, por assim dizer, um novo método para adaptar-se ao seu ambiente” (CASSIRER, 1977, p. 47). As produções humanas não eram maiores apenas em quantidade, mas a sua construção de mundo era muito mais específica e elaborada que qualquer outro animal que seja objeto de estudos da biologia. Era preciso um novo sistema que pudesse abarcar toda essa construção objetiva do homem.

Esse novo sistema é visto por Cassirer como um *sistema simbólico*, assim, este novo sistema completa a lacuna que o sistema de Uexküll haveria deixado. O símbolo proporcionou ao homem construir um sistema simbólico preñado de objetividade no próprio ambiente em que vive. Cassirer defende que a linguagem, o mito, a arte e a religião, cada uma delas como formas simbólicas diferentes e distantes, formam um universo simbólico manipulado e trabalhado pelo homem, transformando assim uma ação no mundo em conhecimento objetivo; que, por sua abundância de contradições e por sua complexidade, o homem é diferenciado de qualquer outro organismo biológico. Cito Cassirer:

Em vez de lidar com as próprias coisas, o homem está, de certo modo, conversando constantemente consigo mesmo. Envolveu-se de tal modo em formas linguísticas, em imagens artísticas, símbolos místicos ou ritos religiosos que não consegue ver ou conhecer coisa alguma, a não ser pela interposição desse meio artificial (CASSIRER, 1977, p. 48).

O símbolo possibilita para o homem toda a construção de conhecimento objetivo. Através do símbolo Cassirer deixa claro que as diversas criações culturais como o mito, por exemplo, são possibilitadas, não excluindo, mas completando toda a tradição aristotélica de um homem racional. Neste sentido, cito Cassirer: “A partir do ponto de vista a que acabamos de chegar, podemos corrigir e ampliar a definição clássica do homem” (CASSIRER, 1977, p. 49). A razão aqui não é posta de lado, mas adquire um novo caráter, caráter esse que não a coloca no ponto central da distinção do homem com relação aos demais seres vivos, mas sim como parte da constituição do símbolo.

A linguagem é usada como exemplo, pois como é dito pelo autor: “A linguagem foi com frequência identificada à razão” (CASSIRER, 1977, p. 49). Mas existem diferentes traços de linguagem, e o seu desenvolvimento no mito e na religião não é o mesmo da linguagem das

ciências. Elas tratam de símbolos diferentes com um teor emocional diferente. A razão com toda sua sistematização não conseguiria abarcar toda sua complexidade humana; pois, como afirma o autor: “A razão é um termo muito inadequado com o qual compreender as formas da vida cultural do homem em toda sua riqueza e variedade” (CASSIRER, 1977, p. 50).

Das reações animais às respostas humanas

Foi possível encontrar durante nossa exposição do capítulo anterior, que a produção do homem é composta por símbolos e que nestes símbolos se encontra a complexidade da vida humana. Cassirer se preocupou em dar uma maior precisão ao conceito de símbolo ao defini-lo como o principal elemento característico da prática humana. E, para isso, era preciso demarcar o que seria o ato de simbolizar do homem, e o que seria qualquer ato da vida de um organismo que produz algo semelhante ao símbolo.

No *Ensaio sobre o homem*, podemos encontrar um capítulo dedicado a essa delimitação, passagem essa que leva o mesmo nome do tópico deste artigo. Cassirer inicia sua investigação tentando nos mostrar que o cerne desta questão não é pela prática da cultura humana, ou seja, a ação de simbolizar; em outras palavras, qualquer ação que seja confundida com a prática simbólica e que possivelmente cause uma relação empírica no mundo.

Cassirer nos dá o primeiro indício ao dizer que: “É necessário, inicialmente, encontrar um ponto de partida lógico correto, que possa conduzir-nos a uma interpretação natural e sólida dos fatos empíricos. Tal ponto de partida é a definição da fala” (CASSIRER, 1977, p. 54). A linguagem foi anteriormente exposta como um fator da vida em relação à qual é possível que haja várias características, ou várias linguagens para determinada situação. O exemplo que utilizamos neste artigo foi o da linguagem reproduzida ao falar do mito e a linguagem utilizada pelo cientista ao elaborar sua teoria. É dito por Cassirer que a primeira camada da linguagem é a das emoções. Esta linguagem tem por característica expressar objetivamente todo o sentimento humano. Os animais também exercem essa linguagem emocional. Uma diferenciação nítida com relação à qual se estabelece: “uma distinta estrutura sintática e lógica” (CASSIRER, 1977, p. 55). São essas características da linguagem que possibilitam ao entendimento a produção de um conhecimento objetivo. Nos animais, por mais desenvolvidos que sejam, não é possível se observar um sentido objetivo. Existe uma barreira entre a linguagem animal e a linguagem humana. Por mais que sejam carregadas de sentimentos, somente uma delas constrói um conhecimento objetivo acerca dos próprios sentimentos.

Mas o que são essas ações dos animais que se assemelham aos símbolos humanos? Cassirer as nomeia “sinais”. Ele nos mostra o exemplo de um cachorro doméstico que é facilmente ensinado a reagir a determinados sinais como, por exemplo, o que é destinado à hora de se alimentar. Cassirer prossegue sua argumentação dizendo que os sinais são “operadores” e os símbolos, “designadores”. Sua diferença repousa no que é chamado pelo autor como “valor funcional”: o símbolo atribui significado para determinado objeto e os sinais, somente representações. O que torna o homem agente da sua própria vida como pensador e transformador das coisas que o rodeiam e o animal apenas receptor de sinais.

Existe uma variabilidade do símbolo, ou seja, a linguagem como símbolo é capaz de se expressar de forma mítica e científica, enquanto o sinal está restrito somente àquilo que é designado. O caso de um cachorro ou gato treinado a ir comer somente quando um determinado sinal for exposto a ele é totalmente diferente e menos complexo que a relação de coisas que o sistema simbólico é capaz de fazer, sejam relações no âmbito abstrato, sejam relações no âmbito físico.

Sem o simbolismo, a vida do homem seria como a dos prisioneiros na caverna do famoso símile de Platão. A vida do homem ficaria confinada aos limites de suas necessidades biológicas e seus interesses práticos; não teria acesso ao “mundo ideal” que lhe é aberto em diferentes aspectos pela religião, pela arte, pela filosofia e pela ciência. (CASSIRER, 1977, p. 72).

O mundo humano do espaço e do tempo

O homem é pertencente a um mundo que contém uma estrutura básica para seu desenvolvimento simbólico. Cassirer diz que é necessária uma análise desse ambiente onde o humano está contido para um estudo “de uma filosofia antropológica” (CASSIRER, 1977, p. 73). Essa análise é importante para que, através da experiência humana, seja possível se entender, de modo qualitativo, o espaço em que vive o ser humano.

De antemão executaremos a exposição de dois conceitos espaciais. O primeiro é o espaço perceptual e o segundo, espaço abstrato. Dentro destas duas diferentes noções de espaço operam também diferentes formas simbólicas. A primeira é de teor empírico e necessita das sensações para desenvolver-se, e a segunda, de espaço matemático. Há uma distinção interessante entre esses dois espaços. No primeiro caso a condição de verdade não me parece ser avaliada; ela (a verdade) sempre se mostra para o sujeito através do empírico. Já no abstrato,

como diz Cassirer: “Não estamos lidando com a verdade das coisas, e sim com a verdade de proposições e juízos” (CASSIRER, 1977, p. 77), ou seja, interessa aqui somente o conteúdo lógico.

Durante este capítulo Cassirer realiza uma investigação acerca de como as categorias de espaço e tempo se desenvolveram nas diferentes teorias. Isso não nos interessa levando em consideração o artigo presente; o que nos interessa é a posição de Cassirer sobre o espaço e o tempo na sua obra. Para Cassirer: “A vida orgânica existe apenas na medida em que evolui no tempo” (CASSIRER, 1977, p. 84). Nota-se que toda a argumentação do filósofo é pautada em processos que ele julga serem evolutivos; é um processo constante onde o homem elabora com mais complexidade novas tarefas culturais. O processo de passagem de uma concepção espacial mítica para uma concepção científica é interpretado por Cassirer como uma “evolução” do símbolo, ele diz: “Foi uma forma falsa e errônea de pensamento simbólico que começou a pavimentar o caminho para um simbolismo novo e verdadeiro, o simbolismo da ciência moderna” (CASSIRER, 1977, p. 84). Parece-nos que para Cassirer existe uma condição humana, que é a projeção para o futuro. Isto seria um diferencial em relação aos chamados por ele “animais inferiores”. Os impulsos humanos, segundo Cassirer, são projetados para o futuro e nunca para o presente. Sendo assim, o futuro que o homem planeja é sempre um ideal produzido pelas formas simbólicas; ao dizer que o homem: “em sua forma mais elevada, vai além dos limites de sua vida empírica. Trata-se do futuro simbólico do homem, em que corresponde ao seu passado simbólico e está em estrita analogia com ele. Podemos chamá-lo de futuro ‘profético’” (CASSIRER, 1977, p. 94).

Fatos e ideias

Neste capítulo Cassirer irá discutir os fatos que podem ser apreendidos pelo entendimento humano, trata-se de uma teoria do conhecimento. Para fundamentar tal teoria do conhecimento Cassirer se utiliza de alguns conceitos que foram originalmente desenvolvidos por Kant. Nas palavras de Cassirer, existe um caráter preditivo que faz parte da estrutura geral do ser. A possibilidade de um fato futuro e a realidade de algo presente é tido por Cassirer como questão central. Cassirer nos diz que a “inteligência derivativa” é que nos propicia o poder de criar as possibilidades. Cito Cassirer: “A diferença entre realidade e possibilidade não é metafísica, mas epistemológica” (CASSIRER, 1977, p. 96). Cassirer entende que desta maneira o símbolo é permeado por uma função epistemológica e não por uma substância metafísica.

Assim como Kant, Cassirer diz que a nossa representação simbólica, propiciada pelo entendimento humano, necessita da síntese de conceitos a partir do múltiplo dado da intuição, assim formando um conhecimento objetivo sobre determinado objeto.

Mas, diferentemente de Kant, Cassirer diz que: “em vez de dizer que o intelecto humano é um intelecto que precisa de imagens, deveríamos antes dizer que precisa de símbolos” (CASSIRER, 1977, p. 96). É o símbolo o mecanismo que faz a distinção de coisas reais e de ideias, o símbolo tem um caráter conceitual, pois, assim como os símbolos, os números tinham o poder ou a pretensão de objetificar o mundo, pois não tratam de coisas isoladas, mas daquilo que o entendimento capta como um símbolo. É dito por Cassirer: “É o pensamento simbólico que supera toda a inércia natural do homem e lhe confere uma nova capacidade de reformular constantemente o seu universo humano” (CASSIRER, 1977, p. 104).

O homem e a cultura

A definição nos termos da cultura

Neste derradeiro capítulo, Cassirer fará uma definição mais apurada da prática simbólica do homem, ou seja, uma definição da cultura humana. Durante o nosso percurso tivemos a oportunidade de descobrir que o homem, para Cassirer, é um animal capaz de simbolizar, e essa prática lhe propiciou desenvolver com mais complexidade questões emocionais e científicas.

Cassirer se propõe a examinar, a partir da chave simbólica, como se dá o processo de formação cultural e, para isso, elege as principais formas simbólicas para que sejam objeto de sua pesquisa. Mas, antes que seja feita essa sistematização, Cassirer faz um paralelo com a Grécia dos tempos de Platão. A vida política para Platão era o que nos proporcionaria essa investigação mais aprofundada sobre as práticas humanas. A contraposição de Cassirer a essa afirmação platônica é exposta quando é dito pelo autor que, mesmo antes de existir uma sociedade minimamente estruturada politicamente, já haveria produção da cultura humana. Uma sociedade política estruturada era um processo tardio e derivava diretamente de outras práticas simbólicas que evoluíram de forma funcional como processo natural que já tivemos a oportunidade de discutir.

Portanto, era preciso delimitar, por parte de Cassirer, um novo meio pelo qual as práticas simbólicas mais elementares se constituíram. Foi possível observar através de Cassirer no nosso primeiro tópico que o ser humano, a partir do registro do pensamento mítico, possuía um caráter mais emocional que intelectual, ou seja, um pendor mais intuitivo que conceitual. Tais aspectos

emocionais da relação entre homem e mundo podem ser descritas a partir de uma organização sistemática, desenvolvida por Cassirer de quatro formas simbólicas elementares, a saber: mito, religião, linguagem e arte. Em referência a essas formas simbólicas, Cassirer argumenta que: “Deveremos aceitar essa base mais ampla se quisermos desenvolver uma teoria do homem” (CASSIRER, 1977, p. 104); os símbolos supracitados seriam a base para responder à pergunta “o que é o homem?” e suas práticas.

Na filosofia moderna Cassirer utiliza Comte como suporte teórico, o que Cassirer retira de Comte é o conceito de “sujeito universal”. Anteriormente, com Platão, o homem explicava a humanidade; agora, com a noção de sujeito universal, a humanidade explica o homem. A descrição agora deverá ser feita em termos de uma epistemologia científica que consiga abarcar toda emoção humana, diferentemente das ciências naturais que abordam os fenômenos físicos, as ciências do espírito conseguem abarcar o homem como objeto de estudos. Como vimos, o símbolo é o que distingue o homem de qualquer outro organismo vivo. Cassirer nos diz que o símbolo parte de uma proposição que, se houver qualquer derivação do símbolo com objetivo de se chegar a um denominador que pudesse caracterizar todos os símbolos, o que encontraremos é um processo funcional de trabalho. Cassirer diz: “A característica destacada do homem, sua marca distintiva, não é a sua natureza metafísica ou física, mas o seu trabalho” (CASSIRER, 1977, p. 115).

Como vimos anteriormente, com os primeiros processos de evolução da consciência humana, determinados símbolos se destacaram nesse processo. Nada mudou: nós continuamos progredindo com os símbolos e os utilizamos para esse fim. O que é possível de se observar para Cassirer é a adição de novos processos de simbolização. São adicionadas as formas simbólicas ciência e história. Portanto, a linguagem, mito, religião, arte, ciência e história são as formas simbólicas que caracterizam toda a produção humana ou, como designada por Cassirer, produção da cultura.

Somente um estudo pormenorizado de cada estrutura relativa a tais formas simbólicas possibilitaria uma filosofia do homem. Como vimos, não é possível encontrar uma razão substancial no símbolo, mas sim um processo de ação ou um processo funcional. O que fica evidente para nós é que essa caracterização, ou essa filosofia da prática cultural, deve respeitar as condições históricas e sociais de cada período. Toda análise deverá ser de âmbito descritivo, pois, como vimos, são as ações do homem na história que interessam ao autor. Para fundamentar tal ponto Cassirer afirma: “O que precisamos aqui não é uma unidade de efeitos, mas do processo criativo” (CASSIRER, 1977, p. 119).

Conclusão

Durante a confecção deste artigo, intentamos explicitar minimamente todo o desenvolvimento do pensamento de Cassirer no *Ensaio sobre o homem*. Primeiramente o autor nos mostra que existe uma angústia humana em tentar definir o que é possível ser observado e que esse processo guiou a humanidade para o início da filosofia. Posteriormente, o símbolo foi exposto, aqui, a fim de mostrar qual seria a resposta do filósofo Cassirer ao que fora anteriormente problematizado por ele.

Em uma maior definição de símbolo demonstramos como Cassirer faz a distinção do que seria o ato de simbolizar objetivamente e o que seriam produções de “sinais”. E durante essa diferenciação é claramente observável que o símbolo se diferencia pela sua complexidade e pela sua capacidade de configurar o mundo, a partir de sua percepção singular no espaço em que age e vive; é claramente moldado segundo sua complexa concepção de forma simbólica. Tentamos demonstra que, para Cassirer, toda produção humana pode ser resumida a partir do intrincado processo singular de simbolização inerente ao ser humano, ou seja, o homem estabelece uma configuração do mundo intermediada por símbolos, uma vez que toda ação humana é já por princípio simbólica. O ser humano é um agente ativo na sua própria história, e esse agir é o que Cassirer chama de produção cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSIRER, E. *A filosofia das formas simbólicas: A linguagem*. Vol. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CASSIRER, E. *A filosofia das formas simbólicas: O pensamento mítico*. Vol. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CASSIRER, E. *A filosofia das formas simbólicas: Fenomenologia do conhecimento*. Vol. 3 São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CASSIRER, E. *Antropologia filosófica: Um ensaio sobre o homem*. Trad. Vicente Felix de Queiroz. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

CASSIRER, E. Conceito de substância e conceito de função: investigação sobre as questões fundamentais da crítica do conhecimento. Trad. Alexandre de Oliveira Ferreira. In: *Cadernos de Tradução LELPraT*, v. 1, p. 89-115, 2020.

GARCIA, R. *Genealogia da crítica da cultura: Um estudo sobre a Filosofia das formas simbólicas* de Ernst Cassirer. 2010. 189 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.
<https://doi.org/10.11606/d.8.2010.tde-25112010-145753>.

JÚNIOR, I. *Ciências da natureza, ciências da cultura e a matematização do conhecimento em Ernst Cassirer*. 2021. 220 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 2021. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/40732>.